

ABRIL ZAMORA

# ELITE

NO  
FUNDO  
DA  
CLASSE

OU  
TRO

Planeta

*Tradução*

Mariana Marcoantonio



Copyright © Abril Zamora, 2019  
Copyright © Netflix, Inc., 2019  
Copyright © Editorial Planeta, S. A., 2019  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020  
Título original: *Élite: al fondo de la clase*  
Todos os direitos reservados.

Preparação: Débora Dutra  
Revisão: Bárbara Prince  
Diagramação: Felipe Romão  
Fotografia de capa: © Netflix, Inc. 2019  
Capa: adaptada do projeto gráfico original de Pixel and Pixel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Zamora, Abril  
Elite: no fundo da classe / Abril Zamora; tradução de  
Mariana Marcoantonio. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.  
304 p.

ISBN: 978-85-422-1879-4

1. Ficção espanhola I. Título II. Marcoantonio, Mariana

20-1118

CDD 863

2020

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar  
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Marina tinha uma expressão neutra. Quase um indício de sorriso, de calma... Quase um monte de coisas, mas seu rosto não refletia nenhuma emoção. A gente acha que quando alguém morre de uma forma brutal, neste caso com a cabeça aberta pelo golpe de um objeto pesado, a última expressão deveria ser de espanto ou de surpresa, mas a de Marina – a última que mostrou antes de o zíper do saco esconder seu cadáver para sempre – foi de... nada. O nada.

Nenhuma pista além do óbvio, e perguntas demais. Foi obra de um único assassino ou de vários? Nada estava claro e pouco tinham a que se agarrar para lançar luz sobre o caso.

Mas, de repente, algo caiu na mesa da investigadora. Um diário rosa, de papelão ruim, provavelmente comprado em algum camelô. Na capa, um arco-íris e dois gatinhos abraçados estavam longe de sugerir que naquelas páginas se escondesse tanto ódio.

— O que é isso? — ela perguntou ao jovem policial que o havia trazido e aguardava com expectativa na frente dela. Olhou para ele como se se tratasse de uma piada de mau gosto.

— Deixaram de forma anônima na caixa de sugestões da delegacia. Sem envelope, sem remetente.

A investigadora baixou o olhar para o diário, abriu-o e não precisou folhear muito mais do que duas páginas para descobrir que todo ele era uma carta de ódio a Marina: insultos, desprezo e rasuras em quarenta e cinco páginas cor-de-rosa.

Ali havia algo, tinha certeza. Deviam descobrir seu autor. Se o encontrassem, provavelmente conseguiriam esclarecer o assassinato de Marina...



## Capítulo 1

Paula não podia acreditar, o garçom do La Cabaña estava entrando pela porta da sua classe. Quer dizer, ela sabia que a escola San Esteban havia sido destruída, mas não podia imaginar que alguns de seus alunos seriam transferidos para Las Encinas... Sentia-se um pouco mal, mas não podia evitar ficar contente com o desabamento, pois isso fazia que Samuel estivesse na sua sala durante um ano letivo inteiro... Um ano em que Paula pretendia usar todos os seus truques (apesar de nem ela mesma saber que truques eram esses) para fazê-lo prestar atenção nela. Samuel. Era a única coisa que sabia sobre ele.

*Ele se chama Samuel, é a única coisa que sei sobre ele: o nome. Samuel. Bom, sei onde mora. Isso não é legal, mas eu já o segui até a casa dele, sem nenhuma intenção, de verdade, mas não pude evitar. Quando você está completamente louca por um cara com quem não tem nenhum tipo de vínculo, tem que dar um jeito de se aproximar dele, de saber coisas sobre ele. Nós não temos nenhum amigo em comum, amigos em comum, nenhum... E é provável que sejamos de mundos totalmente opostos, mas não posso evitar meus sentimentos quando ele se aproxima de mim no La Cabaña, a lanchonete onde trabalha, para anotar o meu pedido.*

*Do que eu mais gosto no Samuel? Sei lá... Esse nariz arrebitado que ele tem. O sorrisinho. Bom, e o queixo e os cílios tão negros e grossos... Tá, eu gosto de tudo. E mais, da cara de gente boa, de nunca ter quebrado um prato. Sei que ele carrega o peso da família nas costas e acho isso muito fofo... Que tonta. Não, eu não sou idiota. Fico besta assim porque estou gamada nele, mas na verdade não sou tão boba. Normal. E como eu sei que estou apaixonada? Bom, é muito fácil. É uma reação... Feito química, feito animal. O meu corpo reage. Por mais que eu tente controlar, quando ele se aproxima a minha boca fica seca, os meus joelhos começam a tremer e eu não consigo nem olhar para ele. Samuel é o primeiro pensamento que eu tenho quando me levanto de manhã, e quando vou dormir... A mesma coisa! É que eu não consigo dormir se não penso nele por um tempo, um tempinho que seja. Não, imundícies não, não sempre. Penso de tudo. Coisas normais. Eu o imagino numa roda-gigante, num parque de diversões, ou aconchegado no meu sofá até acabar dormindo, porque é um trabalhador, enquanto vemos alguma série da Netflix. Eu o imagino num domingo pela manhã de calça esportiva e sem camiseta... e rindo, sempre rindo. Acho que a vida de Samuel não é fácil, mas ainda assim ele sempre sorri e isso é bonito. Tá bom, e ele parece o Harry Potter, de quem eu sempre fui fã, mas isso eu prefiro não comentar muito por aí. Principalmente porque em Las Encinas as pessoas aproveitam qualquer coisa pra pular no seu pescoço, pra te ridicularizar. Suponho que seja a luta normal na corrida para o sucesso: quanto mais pescoços pisar, mais alto você chegará.*

*As pessoas acham que, porque os nossos pais têm grana, somos todos gentis ou no mínimo educados, mas não, nada disso... Eu sou uma garota legal, bonita, sim, não sou convencida, mas, cara, sei lá, eu sempre fui atraente... Tenho cabelo comprido e loiro e tenho o corpo que a minha avó tinha quando era jovem. Ela foi atriz de cinema, sabia? Então, por que eu não sou popular? Muito simples,*

*por uma coisa relacionada com o sangue. Não, eu não matei ninguém, até onde sei. Mas no primeiro ano do ensino médio eu tive a minha primeira menstruação, e me veio como um jato de vergonha vermelha no meio de uma aula de Matemática. Eu tentei me levantar e ir ao banheiro, mas foi inútil. Nessa hora, odiei que o uniforme das garotas fosse com saia; se eu estivesse usando calça, teria disfarçado melhor. Bom, foi isso, todo mundo riu de mim... Tá, talvez a minha reação tenha sido exagerada, mas é que as garotas da minha sala já menstruavam fazia tempo, e eu não.*

*Uma vez eu li que as garotas que têm um pai de má qualidade menstruam antes para se tornarem fortes antes, para se tornarem mulheres antes, mas o meu pai é um senhor bonachão que sempre me protegeu... Talvez por isso eu tenha demorado tanto para ter a minha primeira menstruação. Depois disso as pessoas começaram a me chamar de Carrie, por causa do sangue e tal. Um desastre. Mas por que estou contando isso? Ah é, o porquê da minha não popularidade. Mas, olha só, isso nunca me afetou e é infinitamente mais vantajoso. Se eu fosse uma garota muito popular, não poderia me aproximar do Samuel, e o anonimato me dá confiança. Não estou apostando nada, não estou me expondo a nada...*

O que Paula não havia percebido era que, logo ao cruzar a porta da sala, Samuel já tinha posto os olhos em Marina, a irmã de Guzmán. E por quê? Vai saber. Talvez porque Marina tenha disparado um sorriso primeiro, ou porque Paula estivesse sentada bem no fundo e o cabelo cacheado da outra tenha tapado a visão do garçom.

Mas, veja bem, o fato de Paula não ser popular não queria dizer que não tivesse amigos; não, nada disso. É normal que, num primeiro momento, ao ver a foto de um anuário, você só preste atenção nas pessoas que se destacam. E é normal, en-

tão, que seus olhos posem em Carla, Lu, Guzmán, Polo, Ander... Mas, se observar bem, ao lado deles ou uma fileira para trás, você vai ver o resto dos alunos, e não é que sejam menos bonitos, não tem a ver com beleza, é que o carisma deles foi eclipsado por um monte de alunos alfa.

Paula é, sim, muito bem-apeçoada e tem um corpo muito bonito e um cabelo que se move de um lado para o outro, mas nunca foi tão sociável a ponto de galgar aos primeiros lugares de popularidade de Las Encinas.

Gorka, por exemplo, tem orelhas de abano, e isso foi motivo de gozação, mas a verdade – e isto ele não sabe – é que em alguns anos suas orelhas vão enlouquecer um monte de garotas, porque às vezes o que nos faz diferentes nos torna únicos e até mesmo sexy, como é o caso das orelhas dele, por mais que agora seus colegas não notem isso. E é certo que ele não é muito alto, mas se mata fazendo abdominais ao lado da cama e não se gaba disso, mas levanta a camisa sempre que pode.

Janine é legal, falante e encantadora, mas usa G (tamanho G, você entendeu) e isso faz que, não sei... que não seja apta para a realeza escolar.

E, por último, temos María Elena, mais conhecida como Melena. Por quê? Isso de “Melena”, cabeleira em espanhol, era outra história. Filha de uma famosa modelo internacional que chegou a ser Miss Espanha em meados dos anos noventa, a garota não era tão bonita e esbelta como a mãe, não, mas não estava mal. Acontece que no segundo ano andou um pouco estressada e isso desencadeou uma alopecia areata, algo como uma alopecia nervosa, que lhe provocava quedas de cabelo em algumas áreas da cabeça. Imagine a lua. Agora imagine a lua cabeluda. Agora tire o cabelo de todas as



suas crateras. Isso era a cabeça da pobre menina. Ela estava semicareca, e seus colegas, com muita crueldade, transformaram seu nome em um insulto. A alopecia durou pouco tempo e seu cabelo voltou a crescer, ela fez um corte tipo Demi Moore em *Ghost* e as pessoas se esqueceram, mas o apelido ficou e ninguém mais a chama pelo nome; de fato, se alguém a chamasse por Elena ou María Elena, ela nem viraria... E Melena, que sempre passou despercebida, é agora o centro das atenções na volta às aulas, porque ainda não apareceu em classe e deixou seus amigos sem notícias durante as férias inteiras. O certo é que para Gorka estava claro.

*Cara, eu escutei um monte de histórias sobre a Melena. As pessoas? As pessoas são a pior coisa e usam qualquer pretexto para inventar boatos. Eu fiquei fodido que ela não atendeu o celular as férias inteiras, porque ela sempre disse que é a minha melhor amiga, ou não? Sim, sempre disse, e você não deixa o seu melhor amigo de lado as férias inteiras. E olha só, eu não senti falta, porque estava ótimo na casa da minha tia, na piscina e na escola de surf do camping, mas sei lá... E se eu tivesse tido uma emergência, alguma coisa que quisesse contar pra ela, teria me ferrado, né?*

*O que estão falando dela? De tudo. DE TUDO. Que foi pra Londres pra abortar, porque conheceu um cara mais velho e ficou grávida. Que foi pra Colômbia colocar silicone e fazer uma lipoescultura ou não sei que merda. E isso eu sei que é mentira, porque ela não tem a menor necessidade, eu já a vi de biquíni um monte de vezes. Também escutei que umas senhoras da vizinhança disseram que a mãe dela a tinha levado para dar a volta ao mundo. Ao mundo inteiro, hein? Ou que tinha ficado completamente careca, como o Professor Charles Xavier – sim, porra, o dos X-Men, o da cadeira de rodas, e que por isso não queria sair de casa... Sinceramente, eu não faço a*

*menor ideia, mas espero que ela me conte. É o justo, né? A verdade é que eu já remói bastante a última vez que a gente se viu. Acho que foi num esquentar na garagem da casa dela e não aconteceu nada memorável, ela não estava brava nem nada para dar um gelo na gente. Pelo contrário, celebramos a amizade, relembramos histórias da infância e falamos de Pokémon como se tivéssemos dez anos... Eu sempre preferi o Charmander e ela, o Jigglypuff.*

Enquanto todos falavam da garota, Melena estava no banco de trás do luxuoso carro cinza-escuro de sua mãe. O chofer já havia parado na porta de Las Encinas fazia tempo, mas ela não queria descer e não se apressava. Voltou a acender seu baseado e olhou para o motorista pelo retrovisor, como se o intimidasse. Não disse nada, mas seu olhar estava carregado de ameaças: “Se você abrir o bico pra minha mãe, eu juro que ela te demite, maldito imbecil”. Não, ela não era mafiosa, mas gostava de saber que tinha o controle da situação, e a verdade é que não estava em seu melhor momento. O vidro escurecido a protegia do olhar dos colegas, que entravam como maria vai com as outras, ansiosos por um novo ano letivo.

Ela deu a última tragada no baseado, tomou fôlego e abriu a porta de repente. Saiu e, apertando o rabo de cavalo, caminhou até a majestosa entrada. E não era falsa, mas – zás! – armou sua cara com um grande sorriso de orelha a orelha, e até as bochechas coraram, como se sob a pele esbranquiçada houvesse uma adolescente saudável. Passou ao lado de Carla e depois de Lu e lhes perguntou como foram as férias, elas sorriram simpáticas e responderam de um modo amável. Eram amigas? Bom... Antes eram, mas a amizade foi se deteriorando no segundo ano na mesma velocidade que o

couro cabeludo da garota. Quer dizer, seu cabelo voltou a crescer, mas a relação com elas não foi mais a mesma. É claro, quando Melena passou na frente das duas garotas mais populares de Las Encinas, elas ficaram cochichando, mas não muito, coisas como: “E essa? O que deu nela?”, mas Melena não era tão importante, não iam gastar muita saliva com essas fofocas, não mais.

Claro que Melena cumprimentou Janine, Gorka e Paula ao entrar na sala, mas não era a de sempre... Um “oi” com meio sorrisinho e um aceno de mão não era um cumprimento próprio dela. Haviam passado o verão inteiro sem se ver! Ninguém teve tempo de se aproximar dela para perguntar nada: chegou o professor e ficaram na vontade.

Assim que tocou o sinal que anunciava o fim da primeira aula, Melena se levantou e saiu da sala rumo ao banheiro. Gorka não pensou duas vezes e saiu correndo atrás; ele a interceptou no meio do corredor.

— Qual é o seu problema? — gritou o garoto a vários metros de distância, justo quando ela estava prestes a entrar no banheiro feminino.

— Como? — respondeu ela.

— Qual é o seu problema comigo? Não me deu a menor bola as férias inteiras. Nem uma mensagem, nem um comentário numa maldita foto do Instagram. Eu fiz alguma coisa pra você?

— Gorka, eu não tenho que te dar nenhuma explicação de nada. Eu estava por aí... — Melena continuava tentando diminuir a importância da situação.

— E não tinha sinal? — insistiu ele.

— Posso ir ao banheiro? Estou apertada e não quero chegar atrasada na próxima aula, tá? Depois a gente conversa.

Ela não deu chance de resposta a Gorka e se refugiou no banheiro. Ele ficou falando sozinho e, resmungando para si mesmo, voltou à sala de aula.

A verdade é que Melena não estava com vontade de fazer xixi, não; ela só queria ficar sozinha, escondida, sem precisar sorrir ou ser simpática ou social com ninguém. Não se sentia bem e não queria estar ali. Aquele dia, não. Jogou água na cara, molhou a nuca e se olhou no espelho. Negou com a cabeça e saiu armada de sua falsa atitude positiva.

\*

Christian, um dos alunos da escola que havia desmoronado, corria nu pelo corredor. Tudo isso porque, enquanto ele tomava banho depois da aula de Educação Física, alguém havia escondido sua roupa no vestiário para fazer graça. Esse era o tipo de boas-vindas que você recebia ali quando não se encaixava nos padrões que os populares estabeleciam.

Enquanto o peladão voava até o fim do corredor, Gorka interceptou Paula. Para nada, só para perguntar se eles podiam ir juntos à festa que Marina estava organizando para aquele fim de semana, e para a qual havia convidado a classe inteira. O nervosismo e titubeio do garoto, algo impróprio dele, suscitaram em Paula um monte de perguntas, mas ela se limitou a sorrir e a responder:

— Claro, Gorka, vamos juntos.

— Ótimo.

— Ótimo. — Sorriu de novo. — É provável que a Janine vá com a gente.

O rapaz engoliu saliva e afrouxou um pouco o nó da gravata do uniforme.

— Claro, claro. — Ele mordeu o interior da bochecha num gesto inconsciente, antes de passar a mão pela nuca. — Sim, eu quis dizer ir no mesmo carro e tal... Sei lá, pra ir juntos, não tipo... Bom, tipo...

Salvo pelo gongo. Literalmente. Tocou o sinal e todos voltaram para a sala, deixando o corredor vazio. Porém, aquele dia, alguns – como Janine – não chegaram a anotar uma única frase. Sentada em sua cadeira, ela olhava pela janela. Só repetia várias vezes que não podia acreditar.

*Eu não posso acreditar. Não posso acreditar que a Marina me convidou pra festa dela. Quer dizer, isso é muito... Tá bom, ela convidou todo mundo, a sala inteira, mas a gente nunca foi amiga, acho que nunca troquei mais de duas palavras com ela... É o que acontece quando você é uma nova rica; é difícil se dar bem com os que sempre foram ricos. Meus pais ganharam na loteria. Pronto. É por isso que a gente tem tanta grana. Não ganhamos com esforço nem com nada. Meu pai deixou a padaria e nos mudamos pra cá, e me meteram em Las Encinas para que eu possa me tornar rica por meus próprios méritos no futuro, e não por um absurdo jogo de azar. A questão é que, além do Gorka ou da Paula, eu não tenho amigos, não preciso deles, me viro sozinha com meus mangás, meus animes, meus OVAs e as minhas coisas... Não preciso preencher o silêncio com conversas tontas ou com críticas estúpidas. Eu não. Ainda assim, reconheço que o fato de Marina ter me convidado pra festa dela faz eu me sentir... incluída. Normal.*

*Normal eu sou. Muito. Muito normal. Olha, “normal” é um adjetivo que dá bastante raiva, mas o que você quer que eu fale? Muitas vezes eu me senti discriminada ou marginalizada em classe, e a Marina, que é uma garota que... que arrasa, ter me convidado*

*pra festa dela faz eu me sentir um deles, e isso me deixa muito tranquila. O problema é que EU NÃO SEI QUE DROGA VESTIR! Sim, eu posso ir fazer compras com a minha mãe, mas meu corpo não é o da Paula ou o da Carla ou o da Marina, que apesar de não tirar muito proveito disso é um mulherão. Eu tenho ossos largos; não sou gorda, ainda que tenham pichado isso no meu armário algumas vezes. Mas não, não fico insegura com isso... Vamos, nem um pouco. NEM UM POUCO. Reconheço que sinto um pouco de inveja das garotas da sala que podem comprar roupa em qualquer loja. Sabia que tem loja na cidade que só vende tamanho P? É bem lamentável e eu acho que pode levar muitas garotas a ter certos transtornos alimentares, mas a mim não. Vamos, do jeito que eu gosto de comer. Eu gostaria que não fosse assim, mas curto muito, e quando você tem dezesseis anos eu garanto que há poucas... pouquíssimas coisas que você curte tanto. Portanto, eu não pretendo abdicar disso.*

*O que me assusta é saber que na festa da Marina vai rolar álcool pra valer e eu estou guardando um segredo, um segredo superimportante. Hiper. Algo que prometi nunca contar, mas que está na minha cabeça o tempo toooooodo e sei que vou acabar dando com a língua nos dentes após a primeira dose de Jäger, e não quero. Não quero. Na verdade, eu quero, mas não posso. Não devo. Então eu me calo. Tento. O QUE VOU VESTIR? Quero morrer. Tá, eu odeio as minhas roupas. Grrr!*

\*

Omar, o marroquino que conseguia maconha para Melena, estacionou sua bicicleta na praça. Ela, vestida com o uniforme do colégio, estava esperando. Falaram pouco, como sempre. Ele era um garoto de poucas palavras e não se interessava muito pela vida de seus clientes. Limitava-se a perguntar

“quanto?” a dizer o preço e a pegar a grana. Quando você é traficante e vende para adolescentes, é melhor não criar muito vínculo com seus clientes, e para ela isso era fenomenal, porque naquele ano Melena estava como a caixa de Pandora. Uma caixa lotada de segredos obscuros, mas fechada a sete chaves.

— Pensei que você estivesse parando — disse Omar enquanto lhe dava os vinte euros de maconha.

— E parei — respondeu ela com pouco interesse.

— Não tem aula?

— Ter, tenho...

— Mas está matando, né?

— E você? — ela retrucou.

— Eu, nada.

Com essa última frase, ele ergueu as sobrancelhas, semicerrou os olhos quase negros dando uma de misterioso e voltou a pedalar ladeira acima.

O que acontecia com Melena? Por que ela estava com essa cara tão azeda? Por que não se abria com ninguém? E por que fingia normalidade diante de todos quando era óbvio que em cima da cabeça dela tinha uma nuvem cinzenta carregada de trovões, granizo e todo o resto?

Chegou bem atrasada na aula e inventou uma lorota sobre um pneu furado no caminho, e agiu assim fazendo caras e bocas, sorrindo e pedindo desculpas. Era péssima em Matemática, mas mentir era sua matéria favorita... Estava muito acostumada a fazer isso em casa, principalmente na frente da mãe. Tivera que aperfeiçoar suas técnicas porque a mãe já não deixava passar uma. Sua mãe... O fato é que tinham uma relação bastante complicada, diria.

*Minha mãe me odeia. Minha mãe teria preferido abortar no México a me ter. Ela não me queria e eu cheguei no pior momento, justo quando estava no auge da sua carreira. Quando você é uma modelo famosa com o título de Miss Espanha, é complicado jogar a carreira fora por ficar grávida. Ela ficou grávida. Jovem, muito bonita, com uma herança incrível e uma pança que a afastou das passarelas mais importantes. Minha mãe me odeia porque eu enchi sua barriga de estrias, ela sempre diz isso, e porque sua expressão mudou depois de parir. Ela diz que foi tanta a dor do parto e a laceração que eu lhe causei ao sair com meus quase cinco quilos que sua cara azedou e ela nunca voltou a parecer uma pessoa doce. Minha mãe me odeia. Eu sei, porque ela diz dissimuladamente quando se irrita ou quando eu a decepciono, o que costuma ocorrer três ou quatro vezes por dia. Ela acha que eu não percebo, mas seus lábios carregados de ácido hialurônico se movem de um modo sutil, pronunciando um “te odeio” mudo. Mas eu não me importo, porque também a odeio. Odeio suas fotos exibindo as pernas quilométricas; odeio seu passado, seu presente, e gostaria de perdê-la de vista no futuro.*

*Quando eu fizer dezoito anos, vou me mandar. Não, eu não sei o que vou fazer com a minha vida, mas sei que, seja o que for, aconteça o que acontecer, não será perto dessa imbecil que tenho por mãe. Sim, eu a chamo de imbecil, mas também falo isso na cara dela, não gosto de xingar ninguém pelas costas. Ela me odeia, eu a odeio e a gente tenta se suportar, mas não dá certo. Nada dá certo. Eu sempre reprovo em Matemática, e ela reprova em maternidade. Sou aprovada em mentir, e ela é aprovada em se embriagar em cinco minutos. Imagino que consegue isso graças ao efeito dos comprimidos misturados ao rum com Coca-Cola, porque apesar de ser completamente fina ela tem gostos grosseiros: todas as outras mães de alunos de Las Encinas se embriagam com garrafas de vinho tinto caríssimas, reserva de não sei o quê, colheita de não sei quando, mas a minha mãe mostra a sua*



*vulgaridade virando o pior rumo do supermercado. E de qualquer forma ela está bem conservada, a maldita, e às vezes eu a admiro ao caminhar como um fantasma pela casa, com sua bata de seda chinesa, escada acima, escada abaixo... Tomara que um dia você escorregue e parta a cabeça. Apesar de eu estar convencida de que não vai me deixar nem um centavo em seu testamento. Por quê? Porque você me odeia, e eu não me importo. Por quê? Porque eu também te odeio.*

\*

E chegou o dia da festa. Havia acabado de começar o ano letivo e os alunos já tinham uma desculpa perfeita para beber e se divertir. Principalmente se isso ajudasse a esquecer os problemas. Gorka estava encanado porque Melena continuava o ignorando de uma forma muito explícita, e dava para notar que estava cada vez mais amiga de Lu e de Carla. Na realidade, talvez não mais amiga, mas sem dúvida Melena fazia um esforço notável para que as garotas a incluíssem em seus assuntos. E as três riam em classe, idiotizadas na linha dessas meninas bonitas e fúteis que têm poucos conflitos para resolver.

Janine escolheu para a festa um vestido um pouco extravagante. Paula falou que talvez fosse justo demais, mas a amiga estava morrendo de vontade de colocá-lo. O certo é que ela ficava bem de roxo, mas parecia um pouco apertado, apesar de o tutorial de maquiagem que havia visto no YouTube ter surtido efeito e Janine estar belíssima. Espremida no vestido, mas belíssima. Como um belo chouriço com lábios vermelhos Rouge Pur Couture, da Yves Saint Laurent.

Gorka passou para buscá-las e a verdade é que ficou impressionado ao ver as duas garotas tão... tão... tanto. Paula

estava linda com seu vestido rosa de duas peças e jaqueta de couro, que quebrava o naif do *look*. Ela era muito bonita e não precisava se arrumar demais para se destacar do resto. E tinha esse cabelo coringa, que podia secar ao vento e sempre tinha um resultado impecável, selvagemmente arrumado.

— Uau, uau — balbuciou Gorka.

— Au-au faz o cachorro — respondeu Janine tentando fazer uma piadinha que só teve graça para ela.

— Vamos?

Os três entraram no carro do pai de Gorka e chegaram à festa de Marina.

— Minha nossa! — Janine olhava ao redor com a boca aberta.

Era impossível não notar a câmera lenta quando você entrava nessa mansão. Tudo era tão bonito que até a vida demorava a passar para dar a importância necessária aos pequenos detalhes.

Nossa Senhora. O jardim estava iluminado de um jeito lindo, luzes dessas pequenininhas, que antes eram natalinas e agora enchem os restaurantes *cool*, e umas grandes letras coroavam o espaço com o nome da jovem anfitriã. Era a festa de “apresentação” dela à sociedade. As más línguas diziam que as pessoas do seu “status” faziam esse tipo de encenação para que os jovens se relacionassem, paquerassem e se conhecessem um pouco mais. Algo como para semear a ideia de casamento entre adolescentes que tivessem a mesma posição social.

Disso Janine não sabia, porque fazia pouco tempo que havia alcançado esse poder aquisitivo, mas para o resto era um segredo de polichinelo.

Alto e atlético, com o queixo marcado e uma aparência nada própria de um adolescente, Mario parecia um homem-

zinho feito e direito apesar de ter dezoito anos, o tipo de cara que nunca havia precisado mostrar o documento na porta de uma balada, não porque estivesse cheio da grana – seu pai era o multimilionário criador do app AparcaCar, um aplicativo que te diz onde encontrar um lugar para estacionar –, mas porque sempre havia parecido um pouco mais velho do que o resto. De qualquer forma, isso era só um traço físico, porque por dentro continuava se comportando como um autêntico moleque, mas um moleque com graça e estilo, um moleque com o cabelo estrategicamente arrumado. Mario estava no último ano em Las Encinas e tudo o que tinha de bonito tinha de mau aluno, e como os professores nem sempre podiam fazer vista grossa, havia repetido algumas vezes. Se você perguntasse para qualquer aluno de Las Encinas, te diriam que...

*... Mario é o que a gente chama de um “pegador”. Ele nunca faz lição, mas sempre é aprovado, o filho da puta. Aparece a cada semana com uma mina diferente pendurada no pescoço. Dizem que perdeu a virgindade aos doze anos e que já foi pra cama com uma professora... Isso foi o que me contaram, mas não acho que seja verdade, principalmente porque aqui são todas velhas e ele não gosta muito dessa onda MILF, mas é o típico cara que sempre está na lista e nos reservados dos bares mais bonitos, nas festas mais populares e tem cento e vinte mil seguidores no Instagram – podem ser comprados, mas ele tem, apesar de ter um conteúdo óbvio. Dá uma olhada... Tudo foto de abdominais, de expressões intensas e de hashtags em inglês. Mas a verdade é que o Mario atrai bastante. Ele atrai tudo...*

E aí estava ele, o mais popular de Las Encinas, ao lado do bar com uma taça de champanhe e rodeado de um séquito de

caras bonitos, não tanto quanto ele, e de quatro ou cinco tontas vazias e sorridentes.

A festa avançava dentro do normal. Uma dança por aqui, um beijo por ali, alguns segredinhos frívolos... Se você fizesse uma rota turística pela casa de Marina, veria Melena conversando com Carla e seu namorado Polo; Lu se aproximando de um jeito estranho de Nadia, a garota nova de *hijab*; Ander, o filho da diretora e estrela do tênis, enchendo a cara como se não houvesse amanhã; e num canto veria Paula, Janine e Gorka virando uma garrafa de Jägermeister que haviam conseguido. O álcool da festa estava ok, mas uma festa sem doses de Jäger não era uma festa de verdade.

Janine, relutante, preferia evitá-las: “Não quero, não quero, não devo, não quero. Não, Gorka, afasta essa garrafa da minha boca, não quero, não quero, não quero”. Mas, no fim, acabou sucumbindo: “Traz pra cá, vai”. ERRO. Por quê? Fácil... Quando você não janta nada para entrar num vestido justo e toma cinco doses seguidas desse licor negro, em quinze minutos está girando como um pião, e isso não é nada grave se você estiver numa balada qualquer, mas na festa de Marina Nunier Osuna não será muito bem visto.

Quando começou a tocar “Perdona (ahora sí que sí)”, de Carolina Durante, Janine ficou eufórica e deixou seus amigos de lado para ir correndo à pista de dança improvisada no jardim. Tudo girava, ela também. O fato é que era uma grande dançarina... quando não estava bêbada. E naquele momento ela estava. Muito. Tadinha.

— “*Pido perdón por no ser mejor que nadie*” — cantarolava em voz alta como se estivesse num show.

Algo maravilhoso quando você não é uma garota popular é o grande poder da invisibilidade, mas ela já não o tinha,

porque sua dança chamava atenção demais. Pelo menos continuava com seu segredo guardado, ainda que as palavras palpitassem em sua boca tentando escapar. Palavras que trombavam nos dentes, que abriam caminho entre os lábios, mas que voavam para dentro cada vez que ela tomava fôlego... Sim, dançar como louca faz você ficar exausta e respirar com dificuldade. Se uma vidente tivesse irrompido na sala e pegado na mão da garota manequim G, teria pronunciado um contundente “Aproxima-se uma catástrofe”, mas para o azar dela não havia videntes na sala, só os olhos de Mario e seu queixo esculpido se destacando entre a multidão... Boom!

Janine parou de dançar e, decidida, se aproximou dele, separando o grupinho de garotas que se faziam quase de guarda-costas, como se estivesse abrindo passagem até o palco de um show.

— Mario, oi.

Não precisou dizer mais nada para que o grupo inteiro fizesse silêncio. Todos a olharam fixamente, como se ela fosse a encarregada de continuar a conversa, mas Janine não disse nada. Seu sorriso se desfez e o deles começou a surgir. Sim, eles riram dela.

— Mario...

Ele não disse nada, olhou para ela de cima a baixo com o cenho franzidíssimo, cada vez mais franzido, e sussurrou um “Que nojo de gorda” sem nenhum tipo de esforço. Todos saíram da área do bar, afastando-se de Janine entre sussurros e risinhos. Ela, desconsolada, não podia acreditar no que estava acontecendo. “Que nojo de gorda”, quatro palavras que retumbavam batendo em todos os órgãos de seu corpo.

Que: golpe no baço.

Nojo: chute nos rins.

De: beliscão no estômago.

Gorda: bofetada nos pulmões.

Ficou difícil respirar e o gosto do Jäger voltou à sua boca, fazendo-a lembrar que a culpa era só dela. Correu até o banheiro, mas Lu se adiantou; alguém havia vomitado em sua saia e ela estava com cara de poucos amigos.

— Ocupado, gordinha — disse a mexicana, e fechou a porta na cara dela.

Janine emitiu uma espécie de som animal, feito um rugido, e seguiu pelo corredor da casa até a sala deserta; por sorte, todos estavam no jardim, e para ela era ótimo um pouquinho de escuridão. Sentou-se e escondeu a cabeça entre as mãos. Sim, tudo girava... A cabeça, o coração. Uma pequena arcada fez que fosse para trás e se deitasse no sofá. Ela se sentia como a Ofélia daquele quadro que vira uma vez, flutuando, ainda que mais parecesse uma garota que havia caído de um quarto andar e se esmagado contra o asfalto.

Alguém se aproximou, mas ela não fez esforço para se levantar. Além do mais, erguer-se parecia uma aventura difícil, havia perdido o controle sobre o próprio corpo. Até que esse alguém em questão bateu no pé dela. Um golpe forte. Um chute. Janine levantou o olhar para descobrir Mario na penumbra da ampla sala, e pela cara dele não parecia que a tivesse procurado exatamente para ver como estava.

— Você é idiota ou o quê? — gritou, inclinado sobre ela. — Que merda você acha que é pra vir falar comigo na frente de todo mundo? Hein? Responde! Quer que eu acabe com você? É isso o que quer? Olha, maldita idiota... O que aconteceu nas férias fica nas férias. Eu estava bêbado e você se

aproveitou, mas sóbrio eu nunca teria me aproximado de uma mina como você, porque não gosto de você, porque você é uma escrota e porque eu acho que ninguém em sã consciência pode gostar de você, porque você dá nojo. Está me ouvindo? DÁ NOJO! Então é melhor calar a boca e olhar para o chão quando me encontrar. Nem olhe pra mim. Ouviu? NEM OLHE PARA MIM — disse ele enfatizando cada sílaba. Tinha os olhos injetados de sangue. — Droga, eu não podia ter ficado na minha, não, tinha que me meter com a gorda do colégio... Isto não é um aviso, nem uma ameaça. É um ultimato, entendeu? Se chegar a menos de dez metros de mim, se voltar a falar comigo ou se disser meu nome por aí, eu vou ficar sabendo e vou arrebentar você como um mosquito; melhor, como uma mosca nojenta. NÃO OLHE PRA MIM! Droga.

Janine não pôde responder, ficou tremendo sentada e começou a respirar com dificuldade — outra vez — por causa da cena desagradável, enquanto o rapaz saía da sala a passos firmes.

Tudo bem, Janine não pretendia que fossem amigos e muito menos que tivessem ou começassem um relacionamento, mas ele havia sido muito... muito... filho da puta. E ali estava ela sozinha no escuro com seu segredo rondando a sala: havia transado com o garoto mais popular do colégio. Ela não tinha se aproveitado. Não. Ele estava bêbado, mas tomou todas as iniciativas. Assim são as festas nas cidades pequenas. Haviam passado as férias no mesmo lugar. Mario fora sozinho com os pais dele, Janine sozinha com os dela, e na balada móvel, e bem carregados com seus copos de sangria, surgiu uma faísca entre eles. Se perguntassem, ele provavelmente diria que foi um horror, mas ela diria que...

... Foi lindo. Eu nunca teria imaginado que ele ia prestar atenção em mim; em circunstâncias normais ele nunca teria prestado atenção em mim, mas as férias de verão não são circunstâncias normais.

Sim, nós demos uns amassos, depois de beber, de dançar e de rir, e ele foi encantador, fofíssimo. Não que eu seja uma romântica, apesar de ser fã de Grease e das histórias japonesas de amores escolares, é que tudo se converteu em uma dessas histórias em que um garoto conhece uma garota e vê muito além do seu físico. Ele não sabia que nós estudávamos no mesmo colégio e eu não disse nada... O que teria acontecido se eu tivesse dito? Ele não teria me levado para a casa dele? Talvez...

Subimos a escada e ele me beijou contra a parede, um beijo úmido mas fofo, ainda que com um pontinho justo de violência, porque ele controlava a situação e isso estava claro. Meu rabo de cavalo bateu numa foto da primeira comunhão dele, que caiu no chão, e nós rimos, mas não ligamos porque estávamos nos divertindo. Entramos em seu quarto, na sua casa de verão, que mantinha a decoração de quando ele era pequeno, quase como se tivéssemos entrado no DeLorean de De volta para o futuro e tivéssemos chegado ao passado dele. Uma cama pequena, embutida num guarda-roupa cheio de adesivos e de pôsteres do Ben 10 ou das Tartarugas Ninja, não lembro direito... Ele me deitou na cama e tirou a camiseta. Veio pra cima de mim e sua correntinha batia no meu peito; estava fria e roçava o meu decote fazendo um tlintlim... simpático, não sei. Tirei a blusa, ele tirou o meu sutiã, abaixou a minha saia, que ficou enroscada, e rimos mais. Voltou pra cima de mim e me beijou, então o romantismo deu lugar ao caos: a boca dele, a minha, a língua dele, a minha saliva, e sem que eu me desse conta a mão dele estava entre as minhas pernas. Estive prestes a tirá-la, como um ato reflexo, estive a ponto de lhe dizer que nunca tinha feito... Mas não fiz nada disso, só o deixei controlar a situação.



*Ele deu um pulo e se virou... Depois entendi que estava buscando um preservativo, algo que, querendo ou não, me inspirou um pouquinho mais de confiança, e o resto é história... E que história. Não foi demorado, não foi bonito, nem hipnótico, ele não mudou de ritmo... Sim, eu vi filmes, vi muitos vídeos, as garotas também veem vídeos, e os garotos mudam de ritmo e a pelve deles faz uma espécie de onda sobre umas rochas... Não sei, é difícil explicar. Não, a nossa transa tinha uma partitura só de dois acordes, o nheque-nheque das molas da cama velha dele. E não, claro que não foi como eu teria imaginado. Eu nunca tinha imaginado que a minha primeira vez seria apressada e pouco surpreendente. Era o pênis dele entrando na minha vagina, nada mais, sem muito artifício e sem muita magia; mas eu gostei e sei que ele gostou. Eu me cobri com o lençol, um lençol que tinha desenhinhos de animais que praticavam esporte. Tinha um elefante que lançava um dardo, uma girafa que jogava badminton, um leão que saltava obstáculos e um canguru boxeador. Um lençol muito, muito antigo e com bolinhas, mas nada disso importava. Ele, eu e a luz da lua que banhava tudo. Ai...*

*Depois conversamos um pouco e eu comecei a me vestir, não queria que os meus pais suspeitassem e me submetessem a um interrogatório. Mario perguntou se eu tinha Insta, e quem dera eu tivesse dito que não. Mas eu lhe dei: @Janine\_Sakura12, e quando ele entrou no meu perfil foi uma catástrofe porque descobriu as minhas fotos com o uniforme do colégio dele. Do colégio DELE. Tudo errado. Disse que isso não tinha que ter acontecido nunca, pra eu não contar pra ninguém... Blá-blá-blá... Eu estava tão contente pelo que tinha ocorrido que não dei muita importância. Não voltei a vê-lo até o primeiro dia de aula, e como era de se esperar ele me ignorou. Poderia dar um jeito de não falar com ele, de não olhar pra ele como tinha me pedido, mas a experiência, a minha primeira vez e o lençol de animaizinhos eu não poderia apagar da memória nunca.*

A festa... A festa estava terminando e a verdade é que Paula estava um pouco decepcionada porque não trocara uma única palavra com Samuel. A noite havia passado de muito promissora a uma noite qualquer.

Janine se aproximou de Gorka e de Paula, com a cara um pouco transtornada, mas nem parou para falar com seus amigos.

— Gente, o Jäger me caiu supermal, estou indo embora.

Paula e Gorka se olharam um pouco desconcertados, mas se Janine estava falando que ia embora, ia embora, e Gorka preferia ficar sozinho com Paula, se era o caso.

— Então eu vou também, né? — disse Paula. — Isto aqui está um pouco chato, e eu estou com dor de cabeça. Você liga para o seu pai?

E nesse momento, quando não podia fazer mais nada para detê-la, Gorka se deu conta de que estava completamente apaixonado por ela e de que não dava para voltar atrás.